

Prefácio

Sandra Ferreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, S. Prefácio. In: SOTTA, CP. *Das letras às telas: a tradução intersemiótica de ensaio sobre a cegueira* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 13-15. ISBN 978-85-7983-710-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Ensaio sobre a Cegueira (1995) representa uma inflexão no modo de compor de José Saramago. O autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* passa da prosa meta-históricográfica à alegorizante, fazendo reverberar ainda mais em sua ficção o sentimento do mundo. A partir de *Ensaio sobre a Cegueira*, seus romances sucessivos mantiveram em perspectiva a relação entre estética e ética, decorrente do comprometimento de José Saramago com a História, acentuando, porém, seu compromisso primacial com a literatura.

A adaptação cinematográfica, intitulada *Blindness* (2008), dirigida por Fernando Meirelles, escandalizou espectadores, em razão da crueza de algumas situações narrativas. Comoveu-os também. A cegueira branca, potente alegoria, lembra-nos de que o artista inventa a história, é criador e não testemunha, mas impede-nos de esquecer que, sendo tantos os conflitos (guerra, separatismo, terrorismo etc.) em vigor, a arte e a vida muitas vezes irmanam-se em apresentar a insanidade como regra na trajetória humana.

É para *Ensaio sobre a Cegueira* e *Blindness* que o estudo crítico de Cleomar Pinheiro Sotta se volta, com o propósito de analisar o diálogo entre o romance de Saramago e o filme de Meirelles. Para isso,

Sotta estabelece um roteiro preciso, que abrange a consideração dos estudos intersemióticos e a centralidade do conceito de imagem nas modalidades artísticas em comparação. Ciente de que as imagens, decisivas para o cineasta, não o são menos para o romancista, apresenta-as como recursos composicionais dignos da máxima atenção no romance e no filme em pauta.

Sotta demonstra o uso expressivo das imagens no romance de Saramago, considerando figuras de linguagem, alegoria, descrição, personificação, entre outros recursos que evidenciam uma forte atenção ao texto analisado, de modo a não se distanciar de um pressuposto (o de que os princípios adotados pela crítica literária devem nascer do que os textos literários oferecem) assinalado por Northrop Frye, em cuja *Anatomia da Crítica* Sotta encontra a base metodológica para a consideração das imagens arquetípicas. No que toca ao filme de Meirelles, lembrando ser a imagem em movimento sua matéria-prima, enfatiza o objetivo comum (contar uma história) que une literatura e cinema, para estabelecer um harmonioso contraponto entre o romance e o filme, à luz da irretocável epígrafe: “Um filme é uma escritura em imagens” (Jean Cocteau). Com a mesma atenção dedicada à composição do romance de José Saramago, considera os recursos de adaptação do filme de Meirelles: estratégias para representar a cegueira branca, processos de redução, deslocamento e transformação no roteiro, bem como sonorização, tratamento do tempo-espaço e transposição de personagens.

A clareza argumentativa de Sotta impõe uma invulgar unidade analítica a seu ensaio crítico, graças ao estabelecimento de um centro gravitacional – as imagens demoníacas, apocalípticas e analógicas – que imanta os diversos planos da análise. Essa unidade fica ainda assegurada pela atitude metodológica de investigar os dois objetos analisados como realidades autônomas, mas intercomunicantes. Em razão disso, a competência sensível para evidenciar o alcance das imagens, compostas por Saramago e Meirelles para dar voz e vista ao

drama humano, faz do trabalho de Cleomar Pinheiro Sotta um guia generoso para ver com nitidez as estruturas estéticas e as questões éticas engendradas pelo *Ensaio sobre a Cegueira*. Afinal, como assinala Fernando Pessoa, “ver será sempre a melhor metáfora de conhecer”.

Sandra Ferreira¹
Unesp/Assis

1 Mestre e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, tem pós-doutorado em Teoria Literária pela Universidade de Coimbra. É professora de Literatura Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, campus de Assis. É autora de *Entre a biblioteca e o bordel: a sátira narrativa de Hilário Tácito* (2006) e *Da estátua à pedra: percursos figurativos de José Saramago* (2014).